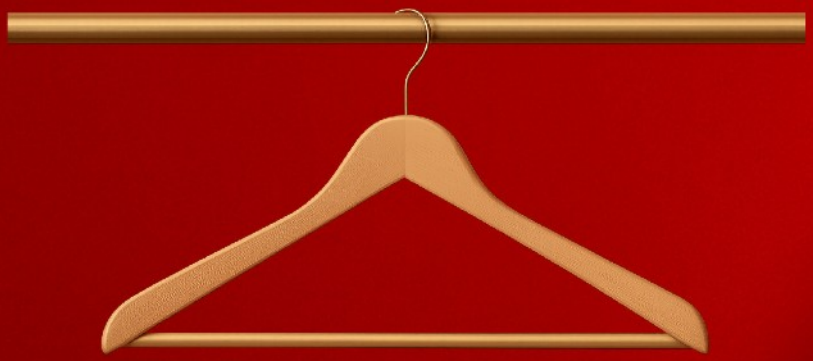
La Comédiathèque



O Robe

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/**

O Robe

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Franck, empregado bancário, e Clara, enfermeira, levam uma vida tranquila no seu modesto apartamento nos arredores de Paris. Até ao dia em que Franck decide gastar os 400 euros que ganhou na lotaria num magnífico… robe.

Já ouviram falar do «efeito Diderot»? Pode ter consequências devastadoras…

Personagens
Franck
Clara

© La Comédiathèque

Cena 1

A sala de estar de um apartamento modesto, num prédio de habitação social nos arredores de Paris. O mobiliário resume-se praticamente a dois cadeirões bastante gastos. Clara entra carregada com sacos de compras de um supermercado de desconto. É uma mulher de classe média que regressa exausta de um dia de trabalho. O telemóvel toca. Larga os sacos e atende, esgotada.

Clara – Estou…? *(A voz suaviza-se ao reconhecer quem lhe telefona.)* Ah, Jessica! Não, não, acabei de chegar. *(Tira a gabardina e deixa-se cair num cadeirão.)* Então, como estás…? *(O rosto fica-lhe gelado.)* Não…? A Lola? Bolas… Lamento imenso… E quando é que aconteceu? Pois… Pois… Bolas… Nem sei o que dizer… Dezassete anos? E morreu de quê? De velhice…? Bom, dezassete anos já é uma bela idade, não é? Para uma cadela. Espera, vou perguntar ao ChatGPT… Dezassete anos, numa cadela, equivalem a noventa e um anos numa mulher. Não, claro que não é como perder a mãe… Ou a sogra… Sim, eu também quase preferia, mas pronto… A gente afeiçoa-se, não é? Olha, comigo vai tudo bem… Quer dizer… No hospital está cada vez pior. Com os cortes no pessoal, agora as enfermeiras também têm de fazer o trabalho das empregadas de limpeza. Andamos a correr o dia inteiro e já nem temos tempo para falar com os doentes. Às vezes pergunto-me se não devia ir trabalhar para o privado. Para uma clínica de cirurgia estética, por exemplo. De certeza que ganhava melhor. E que me tratavam melhor. E numa clínica privada… se me deitasse com o cirurgião, talvez ele até me operasse ao nariz de graça. Porquê o nariz? Sei lá, saiu-me assim. Nunca gostei do meu nariz. Porque no serviço público, acredita… Mesmo que me deitasse com o diretor, duvido que me tirassem as amígdalas de graça. Enfim… Também não foi para isso que escolhi esta profissão. Quando comecei, pensava que ia ser útil, salvar vidas… Como nas séries americanas que via na televisão. E agora passo os dias a esvaziar arrastadeiras e a mudar lençóis… Diz-se que alguém leva uma vida de cão, mas os cães nem vivem assim tão mal. Somos nós que trabalhamos para lhes pagar a ração e ainda temos de lhes apanhar os cocós! Francamente… E a vantagem de uma vida de cão é que acaba mais depressa. Não, acredita, a pobre bichinha está melhor onde está… *(Toca a campainha.)* Tenho de desligar. É o Franck. Esqueceu-se outra vez das chaves. E tenho de pôr os congelados na arca. No autocarro pensei que me tinham rebentado as águas. Eram os gelados de pau a derreterem-se em cima dos meus joelhos… Não, não estou grávida, porquê? Pronto, depois ligo-te… Está bem… Beijinhos para ti também… E dá um beijo ao Steven por mim…

Guarda o telemóvel e vai abrir a porta. Volta com Franck, um homem perfeitamente vulgar, de ar um pouco distraído.

Franck – Desculpa, deixei as chaves na gaveta da secretária, no banco.

Clara – Como de costume…

Ele parece de repente entusiasmado.

Franck – Sim, mas desta vez tenho uma boa razão.

Clara – Uma boa razão para te esqueceres das chaves?

Franck – Uma boa razão para andar distraído! Adivinha!

Clara – O quê?

Ele mostra um boletim da lotaria.

Franck – Saíram os meus números da lotaria!

Clara – Os teus números?

Franck – Bem, não saíram todos, mas…

Ela entusiasma-se também.

Clara – Então saiu-nos a sorte grande? Somos milionários?

Ele tenta moderar o entusiasmo dela.

Franck – Não exatamente… Acertei só em quatro números, mas mesmo assim…

Clara – Quanto?

Franck – Quatrocentos euros.

Ela fica visivelmente desiludida.

Clara – Ah… Bem me parecia…

Franck – São quatrocentos euros! Não ficas contente?

Clara – Fico, claro que fico, só que… Se tivesses dito logo: «Querida, ganhei quatrocentos euros na lotaria», era diferente. Assim já me estava a imaginar a mudar de vida. Deixávamos de trabalhar, comprávamos um bilhete só de ida para o mais longe possível, uma vivenda junto ao mar com piscina…

Franck – Se vivermos junto ao mar, para que precisamos de piscina…?

Clara – É isso que é o luxo, suponho. Ter coisas de que não precisamos. Seja como for, nós nem vivemos junto ao mar nem temos piscina… É o que se chama uma vida de porcaria…

Franck – Com quatrocentos euros, sempre podemos dar-nos um pequeno luxo…

Clara – Sim… Comprar um cartão de entradas para a piscina municipal. Talvez até um passe anual para os dois.

Franck – Desculpa. Pensei que ias ficar contente.

Clara – E fico! Desculpa, ando com os nervos em franja… E a Jessica acabou de me dizer que perdeu a cadela.

Franck – Pode ser que a encontre.

Clara – Duvido. Morreu…

Franck – A Jessica? Morreu?

Clara – A Lola! A cadela da Jessica! Foi a Lola que morreu!

Franck – Bolas! E morreu de quê? *(Clara prepara-se para responder, mas ele interrompe-a.)* Espera, nem sei porque perguntei. Tanto me faz. Sobretudo hoje, com estes quatrocentos euros caídos do céu…

Clara – Então? O que vais fazer com essa fortuna?

Franck – Ainda não sei bem…

Clara – Pois… Quatrocentos euros… Nem chega para uma operação ao nariz.

Franck – Não gostas do meu nariz? Nunca me tinhas dito…

Clara – Estava a falar do meu.

Franck – O teu nariz é muito bonito. É igualzinho ao da tua mãe.

Clara – Precisamente.

Franck – Sei lá… Podias usar mais vezes vestidos decotados. Como a tua mãe…

Clara – O que é que isso tem a ver com o meu nariz?

Franck – Nada, mas assim as pessoas olhavam menos para ele. Pelo menos os homens.

Clara – Obrigada. Nunca me tinha ocorrido…

Franck – É verdade que quatrocentos euros não chegam para comprar nada de realmente útil. Nem para fazer uma extravagância…

Clara – Podíamos ir jantar a um restaurante com quatro estrelas Michelin.

Franck – Acho que o máximo são três estrelas.

Clara – Então vamos a um de três.

Franck – Com quatrocentos euros?

Clara – Pronto, uma estrela chega.

Franck – Mesmo assim, depois ficávamos sem nada.

Clara – Jantar pelo menos uma vez na vida num restaurante de luxo… Sempre ficávamos com uma recordação.

Franck – Pois…

Clara – Aposto que nesses restaurantes se encontram pessoas que ganharam mesmo a lotaria. Deve ser a cantina delas…

Franck – Ou então deposito o dinheiro numa conta-poupança.

Clara – Ah, sim, uma loucura dessas é que eu não estava à espera. Nota-se que trabalhas num banco.

Franck – Com a taxa de juro atual… *(Tira uma calculadora.)* Daqui a… seiscentos e noventa e quatro anos teremos quinhentos mil euros e poderemos comprar uma casa.

Clara – Ou vamos ao casino e apostamos tudo no zero.

Franck – Trinta e cinco vezes a aposta. *(Volta a fazer contas.)* São catorze mil euros.

Clara – Ou zero euros, se por azar o zero não sair logo.

Franck – Tens razão. Mais vale gastar o dinheiro. Vou pensar nisso.

Clara – Pois, pensa… Entretanto vou pôr no congelador o que resta dos gelados.

Franck – Compraste gelados?

Clara – Não sei o que me passou pela cabeça. Uma loucura. Apetecia-me chupar qualquer coisa que me desse mesmo prazer.

Ele anima-se, excitado com a ideia.

Franck – Ótimo… Podíamos fazer isso juntos…

Clara – Agora é tarde. Derreteram-se todos dentro do saco…

Escuro.

Cena 2

Franck entra com sacos de compras dos grandes armazéns Galeries Lafayette, em Paris. Atravessa a sala e deixa-os perto da porta do quarto. Volta, tira o casaco, satisfeito, e ouve o atendedor de chamadas.

Voz gravada – Olá, Franck, é o Steven. Ligo por causa do churrasco de sábado. Era só para dizer… Se vocês pudessem chegar lá pelas oito, dava-nos mais jeito. A Jessica só acaba de trabalhar no cabeleireiro às seis, não chega a casa antes das sete, e eu ainda tenho de ir buscar o carro à oficina e passar no supermercado para comprar as salsichas. Até acendermos o grelhador… Enfim… Trazem a sobremesa, como de costume? Está bem. Até sábado.

Franck não parece muito entusiasmado com o convite. Clara entra. Ele volta a sorrir.

Franck – Boa noite, querida. Tiveste um bom dia?

Clara – Um inferno… Já te disse que a Lola está de baixa?

Franck – Sabia que já havia seguros de saúde para cães, mas não sabia que também podiam meter baixa… E pensava que ela tinha morrido.

Clara – A Lola, a minha colega!

Franck – Ah, essa Lola… Também não percebo a mania de dar nomes de mulheres às cadelas. Ou será o contrário? Imagina que eu me chamava Snoopy ou Rex.

Clara – Esgotamento, como se diz agora. Antigamente chamava-se depressão nervosa, mas pelos vistos «burnout» soa mais moderno. Como não a vão substituir, tenho de fazer o trabalho dela e o meu. A este ritmo, qualquer dia também fico de baixa por esgotamento. Mas tu pareces muito bem-disposto. Voltaste a ganhar a lotaria?

Franck – Não, mas já sei o que fazer com o dinheiro que ganhei.

Clara – Fantástico! Estava mesmo a precisar de uma boa notícia depois deste dia de porcaria. Então?

Franck – Surpresa!

Clara – Adoro surpresas…

Franck – Volto já.

Clara tira a gabardina e senta-se, sorrindo. Franck regressa… com um robe vermelho vestido por cima da roupa.

Franck – Ora aqui está!

Clara olha para ele, atónita.

Clara – Aqui está o quê?

Franck – Isto!

Clara – E onde está a surpresa, tirando… esse ridículo roupão de banho? Vamos para um spa?

Franck – Não é um roupão de banho. É um robe de chambre.

Clara – E então?

Franck – É essa a surpresa!

Clara – Um robe?

Franck – Sim.

Clara – Mas… para ti ou para mim?

Franck – Para mim.

Clara – Estás a brincar, não estás?

Franck – Não. Porquê?

Clara – Um robe? Um robe vermelho?

Franck – E porque não?

Clara – Mas já ninguém usa robes destes! Muito menos vermelhos.

Franck – Não sabia o que comprar. Resolvi oferecer a mim próprio uma coisa bonita.

Clara – Bonita?

Franck – Pensei que te ia agradar.

Clara – Que comprasses para ti uma monstruosidade dessas? Parece feito com as cortinas de um castelo medieval.

Franck – Acho-o muito elegante.

Clara – Mas onde é que foste desencantar isso?

Franck – Nas Galeries Lafayette.

Clara – Entraste nas Galeries Lafayette e pediste um robe vermelho?

Franck – Não foi bem assim. Queria uma coisa original, com classe, e a empregada sugeriu-me isto.

Clara – Pregou-te uma partida, isso sim! Aquela monstruosidade devia estar encalhada desde o século passado e finalmente apareceu um pato a quem a impingir. Aposto que vai receber um prémio por ter conseguido despachar a peça mais invendável da loja. Fez-te olhinhos, foi?

Franck – Era uma senhora bastante corpulenta, quase na idade da reforma.

Clara – Ah, está explicado. Quando era nova, talvez esse traje ainda estivesse na moda. Mas esclarece-me uma coisa: quanto é que ganhaste na lotaria?

Franck – Quatrocentos euros.

Clara – E quanto custou o robe?

Franck – Custava quinhentos e cinquenta, mas a empregada fez-me por quatrocentos.

Clara – Quatrocentos euros por um robe? Isso é um roubo!

Franck – É de uma marca de luxo… Lamento que não gostes. Falámos nisso. Eu não sabia o que comprar, quis uma coisa que me desse prazer. Como tu com os gelados…

Clara – Os gelados estavam em promoção! Custaram três euros e noventa e nove!

Franck – Para depois se derreterem no teu saco…

Clara – Guardaste o talão?

Franck – Guardei.

Clara – Dá-mo cá. Vou devolvê-lo à loja. E aquela empregada vai ouvir das boas!

Franck – Devolver o meu robe? Nem pensar!

Clara – Mas, Franck, podias ter comprado qualquer coisa com quatrocentos euros. Até podias ter-me comprado alguma coisa a mim, já agora. Porquê um robe?

Franck – Não sei… Apetecia-me ter uma coisa completamente inútil, para variar. Uma coisa que ninguém se lembraria de comprar.

Clara – Isso conseguiste. Mas podias ter comprado… um quadro, por exemplo. Púnhamo-lo na parede.

Franck – Um quadro? Por quatrocentos euros?

Clara – De um jovem artista. Pelo menos podia valorizar-se.

Franck – E onde é que o pendurávamos? Convenhamos, Clara, uma obra de arte neste apartamento miserável ficava completamente fora de lugar.

Clara – Apartamento miserável?

Franck – Nem sequer pintámos as paredes desde que viemos para cá!

Clara – E de quem é a culpa?

Franck – E onde arranjamos dinheiro para pintar a casa?

Clara – Ganhando quatrocentos euros na lotaria, por exemplo. Mas diz-me, Franck… Conheces alguém que ainda use robes?

Franck – Sacha Guitry usava robes com muita elegância.

Clara – Sacha Guitry? Quem é esse? Conheço-o?

Franck – Um dramaturgo francês. Era muito famoso entre as duas guerras mundiais.

Clara – Entre as guerras? Mas isso foi há um século! E como é que tu conheces esse Sacha Guitry? Nós nem vamos ao teatro…

Franck – Foi a empregada que me disse que ele usava um robe quase igual.

Clara – Quase igual…

Franck – Seja como for, comprei-o, gosto dele e não o vou devolver!

Sai com um gesto teatral. Clara fica imóvel durante uns instantes; depois pega no telemóvel e marca um número.

Clara – Jessica? Nem imaginas o que me acaba de acontecer…

Escuro.

Cena 3

Franck, ainda envolto no robe, está de pé no meio da sala, muito satisfeito consigo próprio. Dá alguns passos e senta-se num dos cadeirões com um gesto exageradamente teatral. Cruza as pernas e pousa as mãos nos braços do cadeirão. Clara entra.

Clara – Já estás de robe…?

Franck – Incomoda-te?

Clara – Vou tentar habituar-me. Não prometo nada…

Franck – Um robe não é um pijama nem um roupão de banho. É uma peça elegante para estar em casa. Pode usar-se o dia inteiro.

Clara – O dia inteiro?

Franck – Só dentro de casa, claro. Nunca na rua.

Clara – Ainda bem… Mas quando dizes «dentro de casa» queres dizer quando não há visitas, certo?

Franck – Sacha Guitry recebia os amigos em casa de robe.

Clara – Outra vez o Sacha Guitry! Já é uma obsessão…

Franck – Jean Cocteau e Sigmund Freud também usavam robes com grande estilo. Naquele tempo era um sinal de elegância descontraída.

Clara – Onde é que foste buscar isso?

Franck – Ao ChatGPT… Antigamente, os robes eram um privilégio da alta burguesia e dos intelectuais. Algumas das maiores obras literárias foram escritas por homens de robe.

Clara – A minha avó usava um robe velho e, acredita, nunca escreveu nada na vida.

Franck – Talvez. Mas quando visto este magnífico robe sinto-me outro homem. Não sei porquê… Inspira-me…

Clara – Não me digas que agora também queres começar a escrever…

Franck – Porque não?

Clara – Pois… Porque não…

Franck – Entretanto, também comprei uma caneta.

Tira do bolso do robe uma caneta de tinta permanente.

Clara – Uma caneta…? Queres dizer…

Franck – Uma caneta de tinta permanente. Uma Montblanc.

Clara – Montblanc? O que é isso?

Franck – A marca de canetas de maior prestígio! Dizem que Hemingway escrevia com uma destas. Este modelo até tem o nome dele. Nunca ouviste falar da Montblanc?

Clara – Não. E para que é que compraste uma caneta? Quer dizer, uma caneta de luxo?

Franck – Para combinar com o robe!

Clara – Percebo… E o que pensas escrever com ela?

Franck – Não sei… Também a posso usar no banco para preencher os talões dos depósitos de cheques.

Clara – Não me digas que estás a pensar ir trabalhar de robe…

Franck – Claro que não! Já te disse que é para usar em casa!

Clara – Estás a preocupar-me, Franck…

Franck – Aliás, também ando a pensar comprar uma secretária.

Clara – Uma secretária? Porque não? Podemos ir ao IKEA no sábado.

Franck – IKEA? Estás a brincar! Estou a falar de uma secretária antiga, de estilo.

Clara – Estou a ver… Para combinar com o robe e a caneta…

Tira uma folha de papel na qual imprimiu a fotografia da secretária.

Franck – Olha. Encontrei esta no site de um antiquário.

Clara – Quanto custa?

Franck – Mais do que a caneta. O anúncio diz que poderá ter pertencido ao avô de Marcel Proust.

Clara – «Poderá ter pertencido»? E suponho que é essa remota possibilidade que justifica o preço absurdo.

Franck – O que achas?

Clara – Acho que esta vitória na lotaria está a começar a sair-nos muito cara, Franck. Muito cara mesmo…

Escuro.

Cena 4

Franck, de robe, está sentado atrás de uma secretária antiga, com a caneta de tinta permanente na mão e o ar concentrado de um escritor à procura de inspiração. Clara entra, novamente carregada com sacos de compras.

Clara – Já estás em casa? Não costumas sair do banco às seis?

Franck – Tirei a tarde de folga.

Clara – Ah, sim? Aposto que não foi para me ajudares a carregar as compras…

Franck – Mais compras? Não sei como conseguimos comer tudo isso. Afinal só somos dois…

Clara – É porque nem tudo se come. Também há champô, detergente, papel higiénico… Queres a lista completa?

Franck – Acredito em ti.

Clara – Obrigada… E tu, tiveste um bom dia?

Franck – Comecei a escrever.

Clara – A escrever?

Franck – Sim.

Clara – A escrever o quê?

Franck – Ainda não sei. Mas uma caneta destas dá vontade de escrever, não dá?

Clara – Sobretudo com uma secretária destas, que nos custou uma fortuna e ocupa metade da sala.

Franck – É verdade que a sala é um bocado pequena para uma secretária antiga.

Clara – Ou talvez a secretária seja demasiado grande e vistosa para um apartamento de renda social. Foi preciso desmontar-lhe os pés para passar na porta.

Franck – E nem falemos do elevador…

Clara – Os homens das entregas tiveram de a subir pelas escadas até ao décimo oitavo andar.

Franck – Foi por isso que lhes dei uma gorjeta.

Clara – Não é todos os dias que levam uma secretária destas até ao último piso de um bloco de habitação social.

Franck – Tens razão… Quanto mais olho para ela, mais me parece que não combina com o resto.

Clara – Ainda podemos desfazer-nos dela. Queres que ponha um anúncio num site de artigos usados? Uma secretária que talvez tenha pertencido ao avô de Proust deve vender-se bem… Com sorte, até ganhamos algum dinheiro.

Franck – Estava antes a pensar mudarmos de casa.

Clara – Mudar de casa? Com que dinheiro? Já mal conseguimos pagar a renda deste pardieiro!

Franck – Não sei, mas sinto que estou num momento de viragem da minha vida.

Clara – Porque ganhaste quatrocentos euros na lotaria?

Franck – As coisas vão mudar, tenho a certeza.

Clara – Então achas que basta ter um robe quase igual ao de Sacha Guitry, uma secretária que talvez tenha pertencido ao avô de Marcel Proust e uma caneta como a de Hemingway… para te transformares de repente num grande escritor?

Franck – Uma coisa é certa: não vou continuar a fazer sudokus nesta secretária.

Clara – Estás a assustar-me, Franck. Custa-me dizer isto, mas… talvez devesses consultar um especialista.

Franck – Só porque quero evoluir? Porque já não me contento com esta vidinha rotineira?

Clara – Porque desde que vestiste esse robe já não és o mesmo, Franck! Tu próprio disseste que te sentes outro homem!

Franck – Era uma maneira de falar…

Clara – Já não te reconheço… Antes a nossa vidinha servia-te perfeitamente. Começo a desconfiar de que esse robe está enfeitiçado…

Franck – Enfeitiçado?

Clara – Ou assombrado! Se há casas assombradas, porque não pode haver roupa assombrada? Tens a certeza de que esse robe não pertenceu mesmo a Sacha Guitry?

Franck – Vá lá, querida, agora és tu que estás a delirar.

Clara faz na direção dele um gesto de exorcismo, cruzando os antebraços.

Clara – Sacha Guitry, sai desse robe!

Ele olha para ela, estupefacto.

Escuro.

Cena 5

Franck continua sentado à secretária, mas desta vez está a escrever. Clara chega do trabalho com uma caixa de piza na mão. Absorvido na escrita, Franck não dá pela presença dela. Clara observa-o com alguma desconfiança. Por fim, ele vê-a e sobressalta-se.

Franck – Pregaste-me um susto…

Clara – Estavas tão concentrado que nem me atrevi a interromper…

Franck – Nem imaginas! Estava tão embrenhado… que até me esqueci de almoçar.

Clara – Coitadinho… Enquanto eu me divertia imenso no hospital, entre a enfermeira-chefe histérica e os doentes incontinentes.

Franck – Nem te vi entrar. Foi o cheiro da piza que me chamou a atenção.

Clara – Que querido… E eu a pensar que tinhas sentido a minha falta…

Franck – Quando temos mesmo fome… Até me pergunto porque é que as grandes casas de moda ainda não inventaram um perfume com cheiro a piza.

Clara – Pelo menos não te falta inspiração… O que estás a escrever com tanto entusiasmo?

Franck – As minhas memórias.

Clara – As tuas memórias? Sentes-te bem?

Franck – Perfeitamente. Porquê?

Clara – Bem… Estás a escrever as tuas memórias…

Franck – Não disse que estava a fazer o testamento. Não te preocupes, não estou a pensar morrer já. Escrever memórias não significa que estejamos às portas da morte…

Clara – Mas não é habitualmente no fim da vida que se escrevem as memórias? Não será um bocadinho cedo?

Franck – Chateaubriand começou a escrever as dele aos quarenta anos. Ainda só tinha vivido metade da vida…

Clara – Sim, mas tu não és Chateaubriand. Ele, aos quarenta anos, já devia ter vivido muita coisa. E tu, o que tens de interessante para contar? Tiveste uma vida de porcaria!

Franck – Obrigado por me lembrares. Mas a vida de qualquer pessoa pode ser interessante. Tudo depende da maneira como é contada.

Clara – Mesmo assim, há limites…

Franck – Podias ao menos fingir que me apoias.

Clara – Apoio, claro que apoio… Estou desejosa de ler. Mas… também falas de mim?

Franck – Ainda não. Por enquanto estou a contar a vida que tive antes de te conhecer.

Clara – Pela maneira como falas, até parece que essa é a parte mais interessante…

Franck – A minha vida contigo ainda agora começou, querida.

Clara – Se tu o dizes…

Ela sai. Ele fica pensativo por instantes e recomeça a escrever.

Escuro.

Cena 6

Franck continua sentado à secretária, onde agora há uma pilha de livros. Escreve. Clara entra.

Clara – Cada vez chegas mais cedo a casa.

Franck – Tirei uma semana de férias.

Clara – Não sabia que ainda tinhas tantos dias. Lembra-te de que este verão vamos à Bretanha, a casa do meu irmão…

Franck – Como podia esquecer-me? Lembras-me todos os dias.

Clara – Pelo menos não pagamos alojamento. Principalmente agora que gastaste o orçamento das nossas férias dos próximos três anos com esse robe de luxo, a caneta dourada e a secretária antiga.

Franck – O robe foi pago com o prémio da lotaria.

Clara – E agora tiraste uma semana de férias.

Franck – Preciso de tempo para escrever.

Clara – Já não te chegam as noites?

Franck – À noite estás tu em casa. É difícil concentrar-me.

Clara – Não sei como interpretar isso. É a emoção de voltares a ver-me depois de passares o dia inteiro sem mim? Ou é o barulho que faço a lavar a loiça e a puxar o autoclismo?

Franck – Um pouco das duas coisas…

Clara – Até deixei de ver televisão para não te incomodar…

Franck – Por isso estou a pensar pedir um ano de licença.

Clara – Queres dizer… um ano sem vencimento?

Franck – Nem tudo na vida é dinheiro.

Clara – Não, mas ajuda a pagar a renda. Sobretudo se estás a pensar alugar um apartamento maior, mais à altura do teu robe e da tua secretária.

Franck – Tens uma solução melhor?

Clara – Podes escrever de madrugada.

Franck – Não sou pessoa de ficar acordado até tarde, quanto mais de passar a noite em claro… Não, é de manhã que tenho as ideias mais claras.

Clara – As ideias claras? Estás a pensar deixar o emprego para seres escritor, quando a coisa mais comprida que te vi escrever até hoje foi um postal! E tudo por causa de um robe antiquado que uma empregada das Galeries Lafayette te conseguiu impingir! E a isso chamas ter as ideias claras?

Franck – Porque te irritas tanto? Não é como se me tivesse metido na droga!

Clara – Sinceramente, às vezes quase preferia… *(Repara nos livros.)* E estes livros todos?

Franck – Comecei a reler os clássicos. Devias fazer o mesmo, agora que já não vês televisão…

Clara – Reler os clássicos? Deve ser uma piada! A última coisa que te vi ler foi um álbum do Tintim.

Franck – Está bem, comecei a ler os clássicos… Voltaire, Rousseau, Diderot… O Século das Luzes.

Clara – Acorda, Franck! O Século das Luzes já acabou!

Franck – Infelizmente. Era muito mais interessante do que o nosso e acabou por dar origem à Revolução Francesa.

Clara – Seja como for, tira o robe e vai vestir-te, porque, caso te tenhas esquecido, hoje é sábado. Temos o churrasco em casa do Steven e da Jessica. Já que a Jessica não morreu…

Franck – Eu quase preferia que…

Clara – Desculpa?

Franck – Não, quero dizer… Cancelei.

Clara – O quê?

Franck – Disse-lhes que não íamos.

Clara – Não íamos? Agora decides por mim também? Podias ao menos ter-me perguntado! Até comprei a sobremesa!

Franck – Tu disseste que estavas cansada…

Clara – És tu que me cansas, Franck!

Franck – E depois, um churrasco… Convenhamos, é um bocado vulgar. Achas que os filósofos do Iluminismo se juntavam à volta de um grelhador para discutir o mundo e escrever a Enciclopédia? Não! Frequentavam salões literários.

Clara – Muito bem. Pois eu vou ao tal churrasco vulgar. Sempre me serve de férias.

Franck – Ótimo. Aproveito para escrever.

Clara – É a tua última palavra?

Franck – Detesto churrascos, já te disse. Além disso, sou vegetariano.

Clara – Tu? Vegetariano? Desde quando? Ainda ontem comemos uma piza com bacon!

Franck – Ora… O bacon nem chega a ser carne a sério… E uma exceção de vez em quando não faz mal. Mas juntar os amigos só para ver pedaços de animais mortos a assar numa grelha…

Clara – Muito bem. Fica então a escrever as tuas memórias dos bons velhos tempos, antes de me conheceres. Mas um dia vais arrepender-te de não teres ido a este churrasco, Franck. Lembra-te do que te digo!

Sai, furiosa.

Escuro.

Cena 7

Franck continua sentado à secretária, de robe, mas agora tem um cachimbo na boca. Clara regressa do churrasco, visivelmente um pouco alegre por causa da bebida.

Clara – Agora fumas cachimbo?

Franck – Quis experimentar. Pensei que talvez as ideias aparecessem mais facilmente com qualquer coisa na boca.

Clara – Engraçado… Estava a pensar exatamente o mesmo enquanto o Steven me trazia de carro…

Franck – Muitos escritores fumam cachimbo. Até mulheres.

Clara – Mulheres?

Franck – George Sand fumava cachimbo.

Clara – George Sand era uma mulher?

Franck – Chamava-se Aurore Dupin.

Clara – Pelos vistos percebes muito de mulheres e de coisas para meter na boca… Mas o teu cachimbo nem sequer está aceso.

Franck – É só para ter qualquer coisa para morder. Mas tens razão, talvez devesse experimentar canábis.

Clara – Canábis?

Franck – Baudelaire fumava haxixe. Fala disso em Os Paraísos Artificiais.

Clara – Está bem…

Franck – Ajudava-o a encontrar inspiração… Teria Baudelaire sido um poeta tão grande sem o haxixe?

Clara – Não me digas que andas a fumar erva às escondidas!

Franck – Tu, pelo teu lado, pareces ter chupado mais alguma coisa para além de gelados naquele churrasco. Ou estou enganado?

Clara – Quem sabe… Mas chupar não conta propriamente como traição, pois não?

Franck – Estava só a falar do que bebeste. Mas, se tens mais alguma coisa para contar…

Ela parece um pouco embaraçada.

Clara – Enfim… Perguntaram-me porque é que não estavas lá. Nem soube o que dizer.

Franck – Para ser sincero… Tenho a sensação de que as pessoas com quem convivemos não me fazem crescer.

Clara – Não me digas…

Franck – Que travam a minha evolução, se preferires.

Clara – A tua evolução? Queres dizer a tua ascensão, suponho.

Franck – Diria antes que me puxam para baixo.

Clara – Não me digas…

Franck – Quando estou com eles, dou por mim a descer ao nível deles.

Clara – Esses amigos que consideras tão inferiores também são meus, Franck. Quando os insultas, insultas-me a mim.

Franck – Não estava a falar de ti, querida. Mas acho que também mereces melhor.

Clara – Se continuares a afastar-te dos teus verdadeiros amigos, vais acabar sozinho.

Franck – Às vezes, mais vale estar só do que mal acompanhado.

Clara – E é com lugares-comuns desses que pensas escrever uma obra-prima? Se calhar já nem eu sou suficientemente boa para ti…

Franck – Eu nunca disse isso…

Clara – Tem cuidado, Franck. Se achas que a tua vida era mais interessante antes de me conheceres, posso devolver-te a liberdade mais depressa do que imaginas… Eu também tinha uma vida antes de ti. Também tinha sonhos. Desisti deles todos, e para quê? *(Num tom melodramático.)* Nem sequer foste capaz de me dar um filho…

Sai precipitadamente. Ele fica sem palavras.

Escuro.

Cena 8

Franck está à secretária, onde se acumulam folhas cobertas de escrita. Clara entra. Já passou o efeito da bebida.

Clara – Desculpa o que disse ontem à noite. Bebi demais e só disse disparates.

Franck – Já esqueci, não te preocupes. Estive a trabalhar toda a noite. Acho que acabei as minhas memórias… Pelo menos a primeira parte.

Clara – Então vais voltar ao trabalho?

Franck – Depende da receção que o manuscrito tiver. Se for um sucesso, escrevo o segundo volume.

Ela pega no monte de folhas escritas à mão.

Clara – Manuscrito, literalmente. Já ninguém escreve à mão, sabes? Se mandares isto a um editor, duvido que ele se dê ao trabalho de decifrar estes hieróglifos.

Franck – Tens razão… Talvez o pudesses passar à máquina.

Clara – À máquina? Mas em que século é que vives, Franck? Já ninguém usa máquinas de escrever! E o que é que eu sou, a tua secretária?

Franck – Desculpa. Arranjo alguém que faça isso.

Clara – E para quê escrever com uma caneta se depois é preciso passar tudo a computador? Porque não escreves logo no computador?

Franck – Sim, mas um computador…

Clara – Não combina com a secretária nem com o robe.

Franck – Exatamente…

Clara – Tens de te atualizar, Franck. Não tens telemóvel. *(Aponta para o telefone fixo.)* Insistes em conservar esta relíquia do século passado, com atendedor de chamadas e tudo.

Franck – É verdade. Acho que nasci na época errada.

Clara – E qual seria a época certa? O período entre as duas guerras, como tu dizes?

Franck – Porque não? Os Loucos Anos Vinte deviam ter sido fantásticos.

Clara – Achas? Não havia só privilegiados como o Sacha Guitry! Com sorte, tinhas ido para as duas guerras, como o meu bisavô. Se não tivesses morrido na primeira, claro…

Franck – Seja como for, acho que sempre sonhei ser escritor, Clara. Encontrei uma fotografia minha em criança, sentado à secretária do meu pai, com o cachimbo dele na boca.

Clara – Muito simbólico… Devias falar disso a um psicólogo…

Ele mostra-lhe a fotografia.

Franck – Olha… Nunca mostrei esta fotografia a ninguém.

Ela olha para a fotografia, comovida, e devolve-lha.

Clara – Pois… Sonhar é muito bonito, mas é preciso crescer, Franck! Se não queremos acabar um dia debaixo de uma ponte, com um litro de vinho tinto. Pelo menos foi o que sempre me ensinaram…

Franck – Sei que isto é difícil para ti, mas só se vive uma vez. Passei anos atrás do balcão do banco, a sorrir aos clientes, a repetir os mesmos gestos e as mesmas palavras, dia após dia. Vou levar este sonho até ao fim, Clara. E, se fracassar, pelo menos terei tentado.

Clara – Entretanto, sou eu que vou trabalhar para pagar a renda e encher o frigorífico. E não sei se o meu ordenado vai chegar durante muito tempo. Porque não é só o robe que é vermelho. A nossa conta também está no vermelho.

Franck – Desculpa, mas para mim é uma questão de sobrevivência. Tinha de fazer alguma coisa para tentar mudar de vida.

Clara – Nesse caso, talvez também esteja na altura de mudares de mulher. Arranja uma que combine melhor com o teu novo estilo de vida.

Uma pausa.

Franck – Então… passares o manuscrito a computador está fora de questão?

Ela agarra no manuscrito, furiosa, e sai.

Escuro.

Cena 9

Franck está à secretária, sem fazer nada. O telefone toca. Ele não atende. O atendedor de chamadas entra em funcionamento.

Voz gravada – Olá, é a Jessica. Estou a ligar para saber do Franck. Disseste-nos que ele tinha apanhado uma gastroenterite… Espero que já esteja melhor. E tu, Clara, como estás? Acho que ontem exageraste um bocadinho na sangria! Estavas imparável! Nunca te tinha visto assim. Ainda bem que o Steven te trouxe a casa, senão até ficava preocupada. Ah, a propósito, deixaste a mala no carro dele. Tens de passar cá por casa para a ires buscar. Então, repetimos no próximo sábado? Mas desta vez com o Franck. Beijinhos aos dois!

Franck nem reage. Clara entra.

Clara – Estás bem? Tens um ar esquisito…

Franck – Sim, estou… Deve ser a depressão pós-parto.

Clara – O quê?

Franck – Para um escritor, pôr o ponto final num manuscrito é o início de um período muito difícil. Sinto-me como uma mulher que acabou de dar à luz.

Clara – E, no entanto, não me parece que o parto tenha sido muito doloroso. Sentado confortavelmente à secretária, com esse magnífico robe…

Franck – Diz-se que as grandes dores são silenciosas.

Clara – Li o manuscrito à hora de almoço, antes de o passar a computador.

Franck – E então?

Clara – Está cheio de erros de ortografia.

Franck – Ah…

Clara – A tua Montblanc não tem corretor automático.

Franck – Desculpa… E tirando isso?

Clara – Tirando isso… está bom.

Franck – Achas mesmo?

De repente, ela mostra-se muito mais entusiasmada.

Clara – Não consegui parar de ler antes de chegar ao fim. Eu também nem me lembrei de almoçar.

Franck – Não estás a dizer isso só para me agradar?

Clara – Não fazia ideia de que tinhas tanto talento para a escrita.

Franck – Nem eu, acredita…

Clara – Devias enviar o livro a uma editora.

Franck – Sim… Não sei…

Clara – Se escreveste tudo isto, não foi para o deixar fechado numa gaveta, pois não?

Franck – Tenho medo de não estar à altura. Afinal sou só um simples empregado bancário.

Clara – Um empregado bancário que, quando veste o robe mágico, se transforma num génio da literatura!

Franck – Não exageres. Tem de ser minimamente credível…

Clara – És um super-herói, Franck! E esse robe é o teu fato de Super-Homem!

Franck – Achas mesmo…?

Clara – Vou passar o manuscrito a computador e enviá-lo às maiores editoras de Paris.

Escuro.

Cena 10

Franck está sentado à secretária, com ar desanimado e uma pilha de cartas à sua frente. Clara entra.

Clara – Já chegou o correio?

Franck – Está aqui…

Clara – E então?

Franck pega em algumas cartas ao acaso e lê.

Franck – «Apesar das inúmeras qualidades do seu manuscrito, a proposta não corresponde à nossa linha editorial…» *(Abre outra carta.)* «Lemos o seu manuscrito com interesse. Infelizmente, não se enquadra nos projetos que estamos a desenvolver neste momento…» Há uma dezena iguais a estas. As outras editoras nem se dignaram responder.

Clara – Nem sequer leram o manuscrito!

Franck – Como é que sabes?

Clara – Se o tivessem lido, ao menos teriam escrito uma resposta pessoal.

Franck – Ou talvez o tenham lido, pelo menos o início, e tenham concluído que não merecia mais do que uma carta-modelo.

Clara – Dizem que a editora Gallimard rejeitou inicialmente o manuscrito de Marcel Proust.

Franck – Em Busca do Tempo Perdido… Pois eu não vou recuperar tão cedo o tempo que perdi a escrever estas parvoíces. E ainda te fiz perder tempo a ti…

Clara – Felizmente, Proust não desistiu depois da primeira rejeição. Publicou o romance à sua custa, e o livro acabou por se tornar uma das obras mais célebres da literatura francesa.

Franck – Estás muito informada…

Clara levanta o telemóvel.

Clara – Wikipédia! E sabes quem rejeitou o manuscrito de Proust na Gallimard?

Franck – Não…

Clara – André Gide!

Franck – E então?

Clara – Então… os maiores génios são muitas vezes incompreendidos! Sobretudo no início.

Franck – Pois… Ou talvez eu seja apenas um escritor de domingo e eles tenham percebido isso perfeitamente. Tinhas razão. Quem é que vai interessar-se pela vida de um empregado de banco?

Clara – Tu próprio disseste que tudo depende da maneira como se conta! *(Pega num livro da secretária, abre-o e lê.)* «Durante muito tempo, deitei-me cedo. Às vezes, mal apagava a vela, os meus olhos fechavam-se tão depressa que nem tinha tempo de pensar: estou a adormecer…» Achas sinceramente isto mais emocionante? Até percebo que Gide tivesse adormecido a ler!

Franck – És muito querida por tentares animar-me, Clara, mas é preciso enfrentar a realidade. Nunca serei Marcel Proust. Tal como tu não te tornarias Jimi Hendrix em poucas semanas, mesmo que começasses agora a aprender guitarra.

Escuro.

Cena 11

Franck está sentado num dos cadeirões. Já não traz vestido o robe vermelho. Clara entra.

Clara – O que fizeste ao teu robe?

Franck – Pus um anúncio num site de artigos em segunda mão.

Clara – Mas… porquê?

Franck – Foi aquele maldito robe que quase nos levou à ruína! E à separação! Tinhas razão, devia estar enfeitiçado…

Clara – Eu disse isso num momento de irritação…

Franck – Entretanto fui investigar. Fui vítima de um impulso consumista. Já ouviste falar da síndrome de Diderot?

Clara – Da síndrome de quem?

Franck – Ou «efeito Diderot», se preferires. O próprio Diderot fala disso num texto de 1769, intitulado «Lamentos pelo meu velho robe».

Clara – Que história é essa?

Franck – Um dia, Diderot recebeu de presente um robe magnífico.

Clara – Vermelho, aposto…

Franck – Uma peça confortável e luxuosa, mas que não tinha nada a ver com a vida austera daquele filósofo do Iluminismo.

Clara – E depois?

Franck – Começou a achar que a sua casa modesta não estava à altura do maldito robe. Apanhado por uma febre de compras, substituiu os móveis simples por mobílias sumptuosas, adotou hábitos de burguês e perdeu a inspiração…

Clara – Mas contigo aconteceu precisamente o contrário. Diderot deixou-se afastar da vocação literária pelo robe. Tu, pelo contrário, foste levado por ele a descobrir a vocação de escritor, ainda que um pouco tarde.

Franck – E com que resultado? Ninguém quer publicar o meu livro, zanguei-me com os amigos e estivemos à beira do divórcio!

Clara – Não exageres… Foi só um broche no carro dele, para lhe agradecer por me ter trazido a casa. E eu estava completamente bêbeda…

Franck – Também vou queimar o manuscrito.

Clara – Não faças isso, por favor!

Franck – Porque não?

Clara – Porque… Custa-me admiti-lo, mas tinhas razão. Estávamos presos à rotina. No fim de contas, esta crise até nos fez bem. Talvez ainda venha a salvar a nossa relação.

Franck – Sim, mas as crises de adolescência, mesmo tardias, não levam a lado nenhum. Acabou-se. Podes ficar descansada. Na segunda-feira volto ao banco.

Clara – Como quiseres… Mas também eu já me estava a afeiçoar àquele robe. É estranho ver-te sem ele…

Escuro.

Cena 12

Clara está sentada à secretária. Franck entra, carregado com sacos de compras. Tem os sapatos de cores diferentes.

Franck – Passei pelo supermercado quando saí do trabalho.

Clara – Que bom…

Franck – Está tudo bem?

Clara – Sim… E contigo?

Franck – Tudo bem. A rotina habitual.

Embora tente disfarçar, não parece inteiramente feliz. Clara apercebe-se disso.

Clara – Tens a certeza de que estás bem?

Franck – Claro! Porque não havia de estar?

Clara – Não sei… Para começar, porque tens um sapato de cada cor…

Franck – Ah, pois é. Tens razão…

Clara – E andaste assim o dia inteiro sem reparar?

Franck – Andei…

Clara – E ninguém no banco te disse nada?

Franck – Não, mas realmente olharam para mim de uma maneira esquisita…

Clara – Quem sabe? Talvez lances uma moda. Já que não conseguiste trazer os robes de volta à moda…

Franck – Vou pôr os congelados na arca. Até comprei gelados de pau. E estes não se derreteram no caminho, garanto-te. Estão duros como pedras…

Escuro.

Cena 13

Clara está novamente sentada à secretária, a consultar o ecrã de um computador. Franck entra.

Franck – Afinal até gostas da secretária. O que estás a fazer?

Clara – Tenho uma coisa para te confessar, Franck…

Franck – Não me digas que também decidiste começar a escrever.

Clara – Não, podes descansar.

Franck – Se é por causa daquele pequeno deslize com o Steven, já esqueci tudo, a sério. E, francamente, prefiro não saber os pormenores…

Clara – Não é nada disso, Franck. Estou a falar a sério…

Franck – Então?

Clara – Depois de todas as editoras recusarem o teu manuscrito, tomei a liberdade de publicar o livro por conta própria na Amazon.

Franck – E então?

Clara – Na primeira semana vendeu-se um exemplar.

Franck – Deve ter sido engano. Alguém carregou na tecla errada quando fez a encomenda.

Clara – Na semana passada venderam-se dois.

Franck – Devem ter sido a Jessica e o Steven… Aquele sacana do Steven. Bem me devia isso!

Clara – Há três dias venderam-se vinte e três.

Franck – Nem sabia que tínhamos tantos amigos…

Clara – Ontem já íamos em cento e doze…

Franck – A sério?

Clara – E hoje já passámos dos mil!

Franck – Então… O meu livro já é um best-seller!

Clara – E tu és um escritor de sucesso!

Franck – É inacreditável… E pensar que podia nunca ter comprado aquele robe…

Clara – Sempre acreditei em ti, Franck.

Franck – Obrigado, querida. Como se costuma dizer, por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher.

Clara – Mas não demasiado grande, para não lhe fazer sombra.

Franck – Deve ser por isso que os homens raramente escolhem uma mulher mais alta do que eles. Ou então começam eles a usar saltos altos…

O telefone toca. Clara atende.

Clara – Estou? Sim… Sim, claro… Vou já passar-lhe. *(Em voz baixa, para Franck.)* São as Edições Confidenciais. Viram que as vendas do teu livro na Amazon dispararam e querem que lhes voltes a enviar o manuscrito…

Franck – Desta vez sinto mesmo que nos saiu a sorte grande!

Escuro.

Cena 14

Franck e Clara estão sentados, cada um no seu cadeirão, com uma taça de champanhe na mão. A garrafa está num balde de gelo em cima da secretária.

Clara – Tens razão, Franck. Este apartamento de habitação social já não está à altura do nosso estilo de vida.

Franck – Aliás, talvez fosse melhor deixares também o teu emprego.

Clara – Agora que escreves diretamente no computador, já não precisas de mim para passar os manuscritos a limpo.

Franck – Se sou realmente um escritor de sucesso, vou precisar de um agente literário…

Clara – Eu tenho outra ideia…

Franck – De qualquer modo, preciso de encontrar assunto para o próximo livro. E não vai ser fácil…

Clara – Sobretudo porque começaste pelo fim.

Franck – Pelo fim?

Clara – Começaste por escrever as tuas memórias…

Franck – Não posso passar a vida inteira a contá-la, é verdade.

Clara – Pois… Agora vais ter de começar a interessar-te também pela vida dos outros.

Franck – Dos outros? Queres dizer… do Steven e da Jessica, por exemplo?

Clara – Porque não?

Franck – Realmente, à maneira deles, são dois exemplares únicos.

Clara – Um churrasco podia dar uma bela peça de teatro.

Franck – Uma comédia de enganos ou uma tragédia?

Clara – Depende de como acabar, imagino…

Franck – Infelizmente, desde que fiquei sem o robe, perdi a inspiração.

Clara – Não te preocupes. Tenho uma surpresa para ti…

Ela sai e volta com o robe.

Franck – Compraste outro igual? A empregada disse-me que era o último…

Clara – É o teu. Voltei a comprá-lo no site onde o puseste à venda.

Franck – Também achei estranho ter encontrado um pato a quem o impingir, mesmo por metade do preço. Então eras tu?

Clara – Se foi mesmo graças a esse robe que escreveste o primeiro best-seller…

Franck – A propósito, como vão as vendas?

Clara – Infelizmente, ontem caíram para doze exemplares.

Franck – Merda…

Clara – Talvez seja só uma quebra passageira…

Franck – Ou talvez tenham percebido que sou uma fraude…

Clara – É verdade que o título se prestava a confusões.

Franck – O Robe de Diderot.

Clara – Devem ter pensado que era uma obra inédita do próprio Diderot, intitulada O Robe.

Franck – Se calhar festejámos cedo demais…

Clara – Felizmente, ainda não entregámos as chaves do apartamento.

Franck – E tu ainda não te despediste do hospital.

Clara – Despedi-me ontem. Mas não faz mal, já arranjei emprego numa clínica privada. Vou ganhar o dobro!

Franck – Então não preciso de voltar ao banco!

Clara – Talvez só a meio tempo…

O telefone toca. Franck atende.

Franck – Estou? Ah, olá, Jessica… Sim… Não… Está bem… Sim, sim, digo-lhe… Está bem… Não, não… Adeus, Jessica…

Clara – Era a Jessica?

Franck – Era. Estava a aspirar o carro do Steven e encontrou um soutien debaixo do banco de trás.

Clara – Ah, sim…?

Franck – Queria saber se não seria teu…

Escuro.

Cena 15

Franck está sentado à secretária, a escrever. Voltou a vestir o robe. Clara entra, com um enorme sorriso.

Clara – Voltaste a escrever…

Franck – Mais ou menos…

Clara – Já encontraste uma ideia para o próximo romance?

Franck – Estou a fazer palavras cruzadas…

Clara – Ah… Voltámos ao ponto de partida.

Franck – Antes fazia sudokus.

Clara – Tens razão. Passar dos sudokus às palavras cruzadas já é uma grande evolução.

Franck – Antes era um homem de números. Agora sou um homem de letras. E tu? Estás tão bem-disposta… As vendas do meu livro voltaram a subir?

Clara – Não, mas também eu joguei na lotaria!

Franck – E então?

Clara – Ganhei!

Franck – A sorte grande?

Clara – Dois euros.

Franck – Mas isso é o preço do boletim!

Clara – Preferi ver nisso um sinal do destino. Por isso resolvi oferecer também a mim própria uma coisa especial.

Franck – Mais gelados? Espero que desta vez não se tenham derretido em cima dos teus joelhos…

Clara – Não, não são gelados…

Franck – Ah, não? Então o quê?

Clara – Surpresa!

Sai e volta com um estojo de guitarra.

Franck – O que é isso?

Clara – Nunca vais adivinhar…

Franck – Uma metralhadora?

Ela abre o estojo e tira uma guitarra elétrica.

Clara – Uma guitarra!

Franck – Não sabia que tocavas guitarra…

Clara – Não toco. Ainda. Mas sempre sonhei aprender.

Franck – A sério? Nunca me disseste.

Clara – Também eu tenho os meus sonhos secretos…

Franck – Será o início de uma grande carreira, então?

Ela começa a tocar com entusiasmo. O som revela primeiro uns acordes desafinados… e depois um solo vertiginoso, ao estilo de Jimi Hendrix.

Franck olha para ela, estupefacto.

Escuro.

Fim

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Agosto de 2025

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-361-3

Documento para download gratuito